

## A Psicologia positiva no auxílio a pessoas em situação de rua

Mariana Consoni Martins<sup>1</sup>  
Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Daniela Pereira Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho de extensão tem como objetivo geral apresentar e descrever um plano de intervenção psicológica aplicada em um grupo operativo com pessoas em situação de rua e dependência química, desgostosas de sua situação de vida atual e buscando formas diferentes e positivas de enxergar o meio no qual estão inseridos. Composta de uma pesquisa qualitativa sobre a população de rua e observações para reconhecer a demanda, escolha de abordagem apropriada, elaboração da intervenção, aplicação e análise dos resultados, visando fazer com que os usuários contemplados deste projeto percebessem suas qualidades e capacidades de viver uma vida satisfatória e/ou buscarem a mudança necessária através de conversas e dinâmicas nas quais abordamos estes assuntos. Percebeu-se um melhor resultado na escolha do trabalho com a Psicologia Positiva, frente à necessidade do auto reconhecimento como ser humano de valor, merecedor de respeito e capaz de escrever e reescrever a sua história, visando também o desenvolvimento e/ou fortalecimento da resiliência, para se considerarem capazes de enfrentar as adversidades atribuídas neste processo de mudança. Sendo feitas duas observações iniciais e três momentos de conversa posteriores, usando dinâmicas e momentos de reflexão para a compreensão de si, sua atual situação e possibilidades acerca disso. Houve engajamento dos participantes no processo do pensar sobre suas condições e despertou-se e/ou foi lembrado os âmbitos carentes de melhora, fazendo transparecer o interesse na mudança, tendo como resultado o reconhecimento do caminho a ser trilhado para o alcance das metas apresentadas pelos mesmos, bem como as dificuldades a serem vencidas.

**Palavras-chave:** Pessoas em situação de rua; Psicologia Positiva; Mudança.

### 1 INTRODUÇÃO

Estudos apontam que a maior causa de evasão da própria residência é o consumo exacerbado de substâncias psicoativas. Ferreira (2005) reafirma, apontando a marginalização dessa população e a falta de espaço em meio à sociedade, permitindo o sentimento de desprezo dominar essas vidas. Após se encontrarem na situação de moradores de rua, percebem que os direitos são escassos, as oportunidades de trabalho são quase nulas e o acesso às substâncias é fácil. A dificuldade em encontrar esperanças de melhorias em suas vidas ou a percepção das

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia, Cesuca- Faculdade Inedi. E-mail: marianaconsonimartins@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente do curso de Psicologia, Cesuca- Faculdade Inedi. E-mail: danielaribeiro@cesuca.edu.br.

barreiras que afastam dessas mudanças são os motivos pelos quais esses indivíduos entram em uma zona de conforto que os faz acreditar nas “vantagens” e na liberdade que é viver nas ruas, sem regras.

Fatos como estes se tornam preocupante para os mesmos (a partir do momento que se percebem nessa situação) e para os profissionais que trabalham para o bem de cada usuário, pois a falta de oportunidade impede o crescimento e desenvolvimento profissional destes indivíduos, bloqueando uma possível mudança de vida para aqueles cuja decisão de sair das ruas e parar de depender deste tipo de serviço assistencial já foi tomada. Ferreira (2005) ainda afirma a importância das pesquisas de qualidade de vida com este público, de cada cidade saber o número de sua população de rua e tomar providência para melhorar a situação apresentada, tanto em uma assistência (CAPS), uma moradia (mesmo que provisória) e uma oportunidade para que o indivíduo possa se reerguer (proposta de trabalho).

Analisados os dados apresentados referentes a presente situação da população de rua, a descrição deste plano de intervenção que tem por objetivo geral realizar um grupo operativo com pessoas em situação de rua e dependência química, desgostosas de sua situação de vida atual; e como objetivos específicos auxiliar no auto reconhecimento como pessoa de valor, merecedora de respeito e capaz de escrever e reescrever a sua história. Composta de uma pesquisa de dados, escolha de abordagem apropriada, elaboração da intervenção propriamente dita e análise dos resultados, visando fazê-las perceber suas qualidades e suas capacidades de mudarem a própria história através de conversas e dinâmicas nas quais abordaremos estes assuntos. Atualmente, em estado de importante vulnerabilidade social, torna-se imprescindível a presença de redes de apoio (neste caso, essencialmente profissionais, tendo em vista a falta de contato familiar) para assegurar e dar suporte às mudanças visadas pelo indivíduo.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A face criada pela sociedade do indivíduo que vivem em situação de rua foi marginalizada. Mattos (2004) afirma em seu estudo os principais rótulos aplicados aos moradores de rua, um especialmente explorado neste projeto: o vagabundo. Quando se pensa nesta parte da população é difícil não casar com uma vida sem regras e responsabilidades, o preconceito permite que a única explicação para viver fora de um lar nos dias atuais é a falta de compromisso do indivíduo.

Outro ponto para leva-nos a pensar nos motivos pelos quais existe uma proporção tão elevada de pessoas em evasão domiciliar (cerca de 101.854 no Brasil segundo Natalino em 2016) são os vícios ocasionados pelo uso demorado de substâncias psicoativas. Longe da supervisão daqueles que podem criticar e/ou interferir em seu consumo, as ruas proporcionam aos usuários a liberdade desejada para tal prática.

Estes dois principais estereótipos foram criados pela atual sociedade tendo em vista a grande proporção real destes fatos (Bastos, 2008). A generalização de resumir todos os casos

de pessoas que vivem em situação de rua é errôneo, porém cerca de 87% desta população está nas ruas hoje por estes fatores.

Em contra partida, o sofrimento vivido pela falta de recursos deixa marcas. A pessoa que vive em situação de rua não está fragilizada apenas exteriormente, interiormente existem marcas e feridas das quais dificilmente serão curadas sem auxílio, apresenta Mattos (2004). Mesmo rotulado de todos os lados, acredita-se que um indivíduo tem o poder de ser aquilo que ele mesmo crê poder ser.

Pensando na capacidade de se reinventar do indivíduo e no desejo de mudança apresentado pelos usuários nas observações até o presente momento, possibilita-se trabalhar a Psicologia Positiva com este grupo, visando criarem a resiliência necessária para as adversidades e fortaleza para os combates futuros que vem com a mudança de hábitos. Segundo Paludo (2007) a Psicologia Positiva vem apresentar uma visão de psicoterapia com o foco nas competências do indivíduo, permitindo a percepção sobre suas aptidões e, trabalhando em cima daquilo que acredita poder fazer, torna-se mais fácil encontrar um caminho efetivo para o processo terapêutico. Desconstruindo a ideia de terapia focada na patologia e/ou no problema, a Psicologia Positiva nos apresenta um plano terapêutico com o objetivo de fazer o paciente florescer, despertar suas potencialidades, mostrar sua capacidade de reconstruir sua própria história, vencer os desafios e desenvolver a resiliência necessária para se adaptar positivamente às mudanças.

Para Nunes (2007), a intervenção com base na Psicologia Positiva é a própria felicidade que pode ser proporcionada ao paciente, introduzindo-o a uma satisfação consigo mesmo, capaz de desenvolver a sensação de bem-estar duradouro faltosa em seu dia a dia. Está insistentemente ligada a percepção do bom, daquilo que alegra e satisfaz, focada em tudo que podemos realizar e presenciar de melhor, tirando a lição mais agradável de nossas vivências e fortalecendo a nossa resiliência.

A resiliência é apontada por Infante (2005) como um processo pelo qual o indivíduo passa para se adaptar a novas realidades. A rotina de vida está em constante mudança, perde-se e ganha-se pessoas, bens, momentos a todo instante, é necessário estar preparado, que tenhamos a capacidade de adaptação positiva para o que a vida nos reserva a seguir. Para Infante (2005), um elemento chave para adquirirmos esta resiliência é contarmos com uma rede de apoio consciente. Quando refere-se a rede de apoio, refere-se a família, amigos, colegas de trabalho, instituições religiosas, profissionais de saúde auxiliares em nossas necessidades etc. Partindo do ponto em que o indivíduo não está firme em sua rede de apoio, pensa-se em uma situação de vulnerabilidade acentuada, impedindo o desenvolvimento da resiliência em situações de mudanças importantes. Yunes (2003) aponta a importância da resiliência fazendo parte da Psicologia Positiva, pois a partir do momento que o indivíduo se reconhece capaz e reconhece sua força, é criada a resiliência (capacidade de enfrentar os desafios sem abalos permanentes) e a terapia, a busca pela mudança, pela nova realidade, mesmo com os obstáculos a serem ultrapassados, se torna possível.

Há atualmente na rede pública serviços responsáveis pelo cuidado da população, nos quais é (também, além de tantas outras atividades) trabalhado o reforço da resiliência. As secretarias de Assistência Social são promotoras de atendimentos individuais e/ou grupos de

apoio para indivíduos em vulnerabilidade social, sem condições de arcarem com acompanhamentos particulares, mas com desejo de melhorar sua perspectiva sobre as situações que vive em seu cotidiano. São exemplos destes: CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), CAPS (Centro de Atenção Psicossocial, nos quais são divididos em saúde mental, infantil, juvenil, especialmente para o tratamento de uso excessivo de álcool e drogas), Albergues e abrigos para pessoas em situação de rua, CREPOP (Centro de referência a população de rua) etc.

Partindo da perspectiva de que a resiliência se fortalece à medida que criamos vínculos seguros e relações saudáveis no meio em que estamos inseridos, a aplicação se dá em um grupo atuante no serviço. Para Pichon, à visão de Bastos (2010), a terapia no âmbito grupal proporciona conforto àquele que opta por aderir-la, pois este toma conhecimento do problema, semelhante ao seu, que há no outro. Desta forma, ao perceber uma maior diversidade de pessoas com dificuldades em comum, buscar o alívio de suas angústias se torna menos dolorido e solitário. Além deste, Zimmerman (2007) também nos apresenta sua visão de grupo como um conjunto de pessoas unidas por um mesmo objetivo, neste caso, o alívio dos eventos estressores em suas vidas. Nesta visão é possível avaliar o bom andamento do processo terapêutico através de fenômenos grupais, papéis assumidos e atitudes tomadas pelos participantes que possibilita a revelação, mesmo que inconsciente, de suas reais intenções e desejos.

### **3 METODOLOGIA**

Para esta pesquisa, foi escolhida uma metodologia qualitativa. Segundo Godoy (1997), esse método de pesquisa mais subjetiva permite a percepção de aspectos em sua amplitude. Enquanto a pesquisa quantitativa proporciona informações mais exatas, a qualitativa permite ao pesquisador interpretar a situação de acordo com a abordagem escolhida e não fixar seus resultados em números, mas em situações, palavras, sentimentos e ideias trazidas pelos contribuintes da mesma.

Nas decorrentes observações realizadas no grupo de conversa com os usuários dos serviços ofertados pelo Centro de Referência da População de Rua (CREPOP-Rua) do município de Cachoeirinha, o assunto dominante é o uso de substâncias psicoativas, incluindo os motivos pelos quais os usuários iniciam o consumo, quais os prós e contras, quais as consequências físicas etc. Reconhecendo que não foram escolhas positivas em suas vidas, os usuários comentam com frequência como esse vício vem tirando deles oportunidade de mudarem de vida e principalmente oportunidades de ingressarem no mercado de trabalho.

A intervenção foi realizada no âmbito do CREPOP, em um grupo de conversa e apoio para os usuários dos serviços do mesmo, sendo estes moradores de rua. Trata-se de um grupo aberto, sendo assim, não se encontram o mesmo número de pessoas todas as semanas, normalmente varia consideravelmente, entre 2 e 5 participantes. O espaço onde os grupos acontecem abrangem dez cadeiras, uma mesa onde normalmente é colocado o lanche, três computadores que são usados em outras oficinas e trabalhos de artesanato feitos pelos usuários expostos nas paredes.

Após a análise das necessidades emergentes do grupo, foram feitas três intervenções usando a Psicologia Positiva. Importante ressaltar as características do grupo, por serem participantes um pouco mais “resistentes”, não seria possível realizar uma intervenção com dinâmicas mais agitadas e/ou elaboradas, pois se trata de participantes com idades variadas, algumas vezes transtornados pelas vivências do dia a dia e relutantes em participar do que é diferente da rotina de conversa.

Em uma primeira intervenção os usuários foram questionados sobre seus maiores desejos, em um primeiro momento como uma conversa, em um segundo momento foi solicitado que eles fizessem um desenho representativo do quão longe eles estão de conquistar aquilo que eles mais desejam, para que depois possamos conversar sobre essas adversidades. É importante que eles tenham consciência da distância que está a sua conquista, para que sejam trabalhadas as capacidades necessárias para alcançar os objetivos.

Na segunda intervenção relembremos os apontamentos dos desejos e as dificuldades citados no encontro anterior, com o intuito de fazer com que eles reflitam quais capacidades devem ser colocadas em prática para que os objetivos sejam alcançados. Foi pedido para que eles escrevam três atitudes iniciais que devem ser tomadas (em ordem) para iniciar o processo de mudança e depois eles poderão partilhar com o grande grupo como/quando pensam em iniciar esse processo de mudança.

Em uma última intervenção, foi feita uma mescla das duas primeiras, pois se encontrava apenas um usuário e o mesmo não havia participado das intervenções anteriores. Finalizamos com um reforço de que somos capazes de alcançar nossos objetivos à medida que nos dedicamos para sermos melhores a cada dia, junto de agradecimentos pela participação e empenho de todos.

Foi escolhido esse método de construção do plano de mudança para ser possível pensar em pequenos passos de cada vez. Primeiro encontrando o problema, depois buscando a solução e como somos capazes de executá-la, e por último colocando em prática com as situações cotidianas. É importante ressaltar o motivo de lembrar cada passo dado no processo: sendo um grupo rotativo, em que os participantes nem sempre são os mesmos, é imprescindível recordar os fatos passados, para que os participantes novos entendam o objetivo do processo. Percebo a riqueza de trabalhar o poder que cada um tem de dominar e transformar sua própria história, possibilitando o sentimento de ter oportunidades iguais ao demais, mesmo com suas diferenças.

#### **4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

O processo foi realizado em um espaço de grupo terapia. Segundo Bastos (2010), a visão de Pichon apresenta esta técnica como instrumento terapêutico principalmente pelo fato de reconhecer-se inserido em um meio onde não se percebe como o único necessitado de auxílio. Torna-se reconfortante para algumas pessoas quando percebem as mesmas fragilidades em outros indivíduos. Zimmerman (2007) aponta para fenômenos grupais presentes em diversos

casos e contextos de grupo, os quais podemos observar no decorrer dos relatos. Para Zimmerman, esses fenômenos servem para que melhor compreendamos e possamos avaliar o andamento do processo terapêutico aplicado.

A primeira observação (16/04/18) foi realizada em um grupo de terapia musical com os usuários dos serviços do local. É um grupo aberto, onde os usuários podem participar quando tem interesse. Havia uma psicóloga, uma professora de música e oito usuários participantes no grupo. As cadeiras estavam disponibilizadas em roda, havia um projetor onde foi passado o vídeo com a música debatida no grupo e alguns computadores desligados. Após todos os participantes entrarem na sala e se acomodarem, foi entregue uma folha com a letra da música “a lista – Oswaldo Montenegro” para cada um e a música foi reproduzida com o vídeo no projetor. Os participantes acompanharam a letra da música na folha enquanto ela tocava, sendo perceptível a cooperação, citada por Pichon como parte importante para o bom andamento do grupo. Um dos participantes cantarolava e conversava paralelamente durante o grupo, exercendo uma liderança autocrática, segundo Zimmerman (2007), não sendo eleito pelos participantes para ser porta voz do grupo, mas assumindo este papel de tomar a frente. Depois de ouvirem a música, houve uma conversa sobre as estrofes, onde foram levantadas questões como o desemprego, o preconceito, amizades antigas, familiares, religião, falta de oportunidade, os sonhos perdidos etc. Pareceu um momento em que houve uma comunicação bem desenvolvida pelos participantes, conectando um comentário ao outro, pontuado como importante na visão de Pichon. A música foi tocada mais uma vez e todos cantaram juntos, cooperando mais uma vez com a atividade proposta pela condutora do grupo. Um dos participantes pediu para tocar o violão no final do grupo, ele tocou e cantou, sua participação foi além do esperado e proposto. O grupo é bastante disperso, eles entram e saem livremente, conversam paralelamente e interrompem nos momentos de fala de outras pessoas. Alguns chegam e saem no meio do grupo, desrespeitando o horário. Alguns limites necessitam ser melhor trabalhados.

Na segunda observação (25/04/18) foi conversado sobre a letra da música “A Lista”. Compareceram três usuários nesse encontro do grupo. Após fazermos as apresentações, foi proposta a dinâmica de pegar papéis dentro de uma caixa, em cada papel havia um pedaço da música. Ao pegar o papel, cada um deveria escrever em uma folha (a qual poderia ler para os outros participantes ou não) quais os sentimentos que aquela frase o trazia, todos eles se mostraram participantes e interessados na proposta. O participante 1 fez comentários de sua trajetória até o momento durante todo o encontro, perceptível sabotador do grupo, pois em muitos momentos tirava o foco do debate em questão para tirar dúvidas de interesse particular. Falou do início da sua dependência, dos lugares onde trabalhou (maioria deles em parque de diversões), do seu desejo por mudança de vida e afirmou estar ali procurando ingresso na comunidade terapêutica do município. O trecho da música sorteado para ele foi: “Onde você ainda se reconhece; na foto passada ou no espelho de agora?”. Ele disse se reconhecer no espelho de agora, pois o passado não o representa, somente proporcionou que ele fosse quem é agora. Ele mostra se reconhecer como realmente é, porém com o desejo de buscar melhorar. O participante 2 estava silencioso, falava apenas quando solicitado, possível resistência a proposta do encontro. O trecho da música sorteado por ele foi: “Hoje é do jeito que achou que seria?”. Ele disse que não foi nada como ele achou que seria, pois o uso e dependência das drogas o levaram para “um caminho sem fim”, mudaria diversas coisas se pudesse voltar atrás, demonstrou uma melancolia na fala. O participante 3 estava risonho, feliz porque conseguiu

buscar os medicamentos dos quais precisava sem a ajuda dos servidores do Albergue. Relatou estar se organizando para solicitar seus novos documentos. O trecho da música sorteado por ele foi: “faça uma lista de grandes amigos”. Ele falou o nome de um amigo de anos atrás e da estagiária de psicologia do serviço, disse que ela o ajuda em diversas situações (inclusive, o ajudou a ler e escrever durante a dinâmica), demonstrando de vínculo seguro, impulso importante para fortalecimento da resiliência. Após isso, eles foram servidos de lanche. Enquanto lanchavam, comentaram sobre o início dos seus vícios, todos entraram nas drogas antes dos 15 anos e não saíram desde então. Relataram seus arrependimentos por essas escolhas erradas o desejo de mudança. Comentários que confirmaram o direcionamento da intervenção, pois se torna cada vez mais notável a necessidade de um auxílio de como tomar as decisões e o momento certo de executá-las, ligado a Psicologia Positiva, afastando a patologia e aproximando as qualidades.

No primeiro encontro da prática da intervenção (06/06/18) estavam presentes dois usuários (chamaremos pelos nomes fictícios: José e Otávio), uma estagiária local e a supervisora, junto da estagiária responsável pela intervenção. Iniciando com as apresentações e um tempo de conversa com a supervisora local, após houve uma explicação sobre quem conduziria a conversa nesta ocasião, foi exposta a proposta de conversa, partindo da ideia de que eles pensassem no seu maior desejo atualmente aproximadamente 15 minutos após o início do grupo). Os dois expuseram a necessidade de estarem inseridos no mercado de trabalho. Quando questionados do motivo pelos quais esse era o maior desejo, afirmaram a impossibilidade de alcançarem outros objetivos sem antes conquistar este. Os objetivos posteriores colocados variavam entre restabelecer uma relação melhor com a família, ter uma moradia própria ou a capacidade de alugar algo para si, entre outros bem materiais citados, neste momento é perceptível um desejo de alcançar a autonomia e, além disso, uma ótima comunicação entre as condutoras do grupo e os participantes, ligando um comentário ao outro. Ao solicitar que fosse feito o desenho que representasse a maior dificuldade para alcançar seus objetivos, Otávio disse que não teria como desenhar as suas, então foi solicitado que escrevesse, senti resistência de sua parte e certo deboche provido da mesma. José se mostrou engajado na atividade, fazendo o desenho de uma camisa e uma calça, explicou a necessidade de ter vestimentas adequadas para ir à busca de um emprego, o que hoje não tinha. Apontou não ser a única adversidade, mas influencia o empregador visualmente. João fez diversos apontamentos, entre eles a sua avançada idade, o fato de empregarem com maior proporção pessoas com experiência na área e o fato de apresentar como comprovante de endereço o Albergue Municipal. O encontro foi finalizado conversando sobre a importância de reconhecer o ponto de partida da mudança, pois só iniciamos este processo quando percebemos a necessidade da mesma. Foi falado também que, como afirma Paludo (2007), somos capazes de realizar as mudanças reconhecidas como necessárias se decidirmos por elas. O primeiro encontro teve duração de uma hora.

Na semana seguinte (dia 13/06), apenas Otávio estava presente no grupo, junto da mesma equipe de apoio do encontro anterior. Como foi trabalhado apenas com um usuário, a proposta foi alterada, não foi trabalhada dinâmica, mas permitindo uma fala mais livre, uma comunicação aberta entre as partes. Relembramos os apontamentos feitos por Otávio anteriormente, falando de suas maiores dificuldades, e solicitado que ele pensasse sobre três atitudes necessárias (no seu ponto de vista) para alcançar o objetivo mencionado. Foi citado por ele interromper o uso de álcool, pois outras oportunidades de emprego já tinham sido perdidas

por estar alcoolizado nas entrevistas ou faltar nas mesmas por esse motivo, porém falou que já havia parado, sendo uma primeira atitude já tomada. Sua colocação torna visível os prejuízos colocados por Bastos (2008) quando falamos do uso demasiado de substâncias psicoativas, a perda da lucidez impede decisões racionais. Em segundo lugar, falou da busca pelas oportunidades, tanto pessoalmente, como pela internet, relatando ser uma atitude óbvia, não tendo outro meio de conquistar uma vaga no mercado de trabalho sem a procura pela mesma. Por último citou a persistência, mesmo com as adversidades, não desistir de conquistar o objetivo, característica importante para se tornar uma pessoa resiliente segundo Infante (2005). Em alguns momentos, se contradizia, afirmando não ser necessária a busca incessante pelas oportunidades, uma recaída na persistência considerada normal no processo de desenvolvimento da resiliência, também afirma Infante (2005). Durante e após estes apontamentos, Otávio relatou algumas seleções das quais participou nos últimos meses e contou um pouco de como encontrou em serviços oferecidos a população de rua do município. Ao término do grupo foi reforçada a ideia de Paludo (2007) mencionada no encontro anterior.

Na última intervenção apenas um usuário esteve presente, porém diferente dos participantes da semana anterior. Antonio estava chegando no município, pois estava a procura de ajuda da irmã para resolver problemas financeiros, de moradia e desemprego, perceptível necessidade de reestabelecimento de vínculos seguros sendo suporte para as mudanças planejadas. Contou que sua fonte de renda provem de seus artesanatos, mas não está conseguindo se organizar financeiramente por conta da dependência química, reconhece suas dificuldades, tem um ponto de partida para a mudança. Como Antonio não havia participado de nenhum dos encontros anteriores e somente ele estava presente, optamos por enxugar as propostas dos dois encontros anteriores e fazê-lo refletir as necessidades, os pontos a serem trabalhados para alcançar os objetivos e, principalmente, assegurar de que é possível chegar lá, como é proposta principal da Psicologia Positiva. Inicialmente, quando questionado sobre o seu maior desejo, ele falou da residência própria e de tirar a dúvida sobre a paternidade de uma criança, quando questionado, preferiu não responder se era de seu desejo ser pai desta criança, aparentando uma esquivia em relação a este posicionamento. Questionamos então o que era necessário fazer para alcançar esses objetivos, ele disse que precisava de um trabalho fixo, uma moradia fixa e frequentar regularmente o CAPS, forte percepção de suas necessidades consideravelmente urgentes. Foi um atendimento difícil, pois Antonio estava agitado, não parava para pensar em suas respostas e parecia estar sob efeito de substâncias psicoativas, assumiu uma posição resistente na maior parte do tempo. Foi reforçada, como nos encontros anteriores, segundo Bastos (2002) e Infante (2005), a importância da persistência, que todas as atitudes colocadas por ele são possíveis e é mais fácil quando sabemos por onde começar e temos com quem contar. Colocamos o serviço a disposição e ele retornará a noite para dormir e requerer alguns encaminhamentos. O encontro durou 40 minutos.

Não foi possível aplicar a terceira intervenção como planejado, pois era necessário continuidade com os mesmos usuários. A terceira intervenção foi um conjunto da primeira e da segunda para um usuário diferente, não perdendo a oportunidade de intervenção e aprendizado, podendo aplicar com mais propriedade aquilo já antes aplicado.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Permitir aos usuários a visão total da situação crítica pela qual passam é oportunizar o momento para reflexão e tomada de decisão. O progresso alcançado neste processo é lento, sabe-se as dificuldades de atitudes ágeis providas deste grupo em específico, porém é importante salientar a persistência no auxílio desses passos necessários para a conquista dos objetivos desejados.

O trabalho contínuo de reforço da ideia de capacidades desses indivíduos, proveniente da Psicologia Positiva, tem o poder de alterar a visão autocrítica deles, para que, a partir daí, possam alterar a visão dos que os rodeiam. Ao perceberem as suas limitações, perceberem onde necessitam de alterações, capacitaram-se de criar rotas de ação e caminhos rumo aos sonhos almejados.

Fazer parte deste processo faz perceber a importância da profissão e do acompanhamento terapêutico. Estar a serviço da população menos favorecida dá ao trabalho uma sensação de dever cumprido diferente, permite o doar-se sem esperar grande recompensa material, mas a satisfação de se perceber útil. Perseverança para o profissional e para o sujeito atendido, um trabalho em conjunto fazendo a diferença para o futuro desejado.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. *A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon*. Psicólogo informação, v. 14, n. 14, p. 160-169, 2010.
- BASTOS, Francisco I.; BERTONI, Neilane; HACKER, Mariana A. *Consumo de álcool e drogas: principais achados de pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005*. Revista de Saúde Pública, v. 42, p. 109-117, 2008.
- FERREIRA, Frederico Poley Martins et al. *População em situação de rua, vidas privadas em espaços públicos: o caso de Belo Horizonte 1998–2005*. João Antonio de Paula & et al, 2006.
- GODOY, Arlida Schmidt. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. Revista de administração de empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- INFANTE, Francisca. *A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente*. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas, p. 23-38, 2005.
- MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. *Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua*. Psicologia & Sociedade, v. 16, n. 2, p. 47-58, 2004.
- NATALINO, Marco Antonio Carvalho. *Estimativa da população em situação de rua no Brasil*. Texto para Discussão, 2016.
- NUNES, Patrícia. *Psicologia positiva*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal, 2007.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. *Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões*. Paidéia: cadernos de educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, SP. Vol. 17, n. 36 (2007), p. 9-20, 2007.

SOARES, Sônia Maria; FERRAZ, Aidê Ferreira. *Grupos operativos de aprendizagem nos serviços de saúde: sistematização de fundamentos e metodologias*. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, v. 11, n. 1, p. 52-57, 2007.

YUNES, Maria Angela Mattar. *Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família*. 2003.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Artmed Editora, 2009.